

ESCOLAS E ABORDAGENS ESTILÍSTICAS DA ATUALIDADE

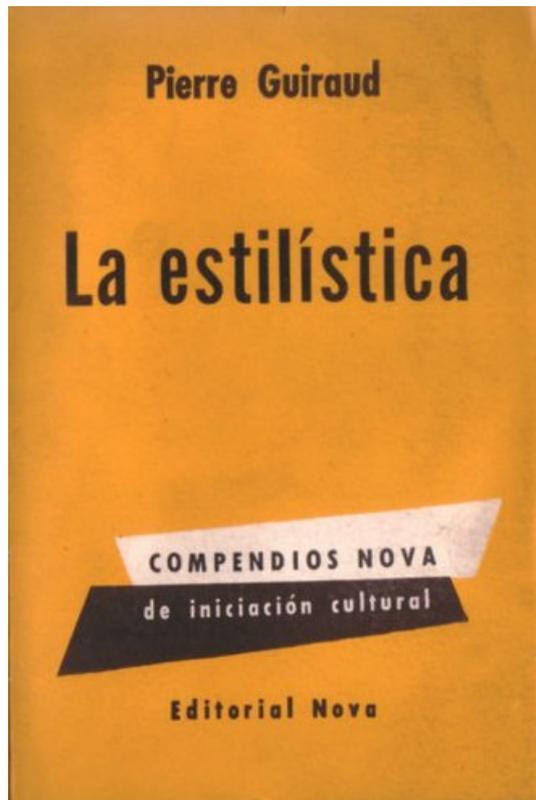
META

Levar ao aluno as tendências teórico-metodológicas da Estilística moderna e suas propostas e abordagem textual.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Compreende sobre a natureza das propostas recentes de análise estilística de textos literários.



Livro sobre estilística de Pierre Guiraud, estudioso francês que subdividiu a história da estilística do século XX em vários tipos: (1) Estilística estrutural ou da expressão. (2) Estilística genética ou do indivíduo. (3) Estilística funcional. (4) Estilística textual. (Fonte: <http://www.puertolibros.com>)

INTRODUÇÃO

Vimos, na aula anterior, que o pai da Estilística Moderna insiste na idéia de que não se deve confundi-la com a arte de escrever, nem com a retórica, nem com a literatura, nem com a história da língua. Após, essa observação importante, ele apresenta cinco níveis de estudos possíveis da linguagem organizada sob o ponto de vista do seu conteúdo afetivo. Não devemos deixar de ter em mente que o primeiro tratado estilístico propriamente dito, uma obra de feição meramente descritiva, deve-se a Charles Bally. Nessa obra, a estilística é uma disciplina da língua mais do que da obra literária, portanto, repetimos, a Estilística é o estudo dos meios de expressão de tonalidade afetiva da língua. Cabe ainda afirma que a Estilística não deve ser confundida nem com Gramática nem com Retórica. A Gramática se debruça sobre o campo intelectual da língua e a Retórica que, por tradição, se apresenta como uma compilação de modelos de expressão literária que se destinavam a ser imitados ou a servir de norma para apreciação crítica de qualquer obra literária. Isso nos leva também a não confundir a análise estilística com a análise literária de textos.



Nikolay Sergeevich Trubetzkoy foi um linguista russo que ampliou a idéia de Fonoestilística, sugerida por Charles Bally, com o nome de Fonética Expressiva.
(Fonte: <http://pt.wikipedia.org>)

ESCOLAS E ABORDAGENS ESTILÍSTICAS

Um dos pontos de vista mais antigos de abordagem textual que merece, nesta aula, comentário, é o ponto de vista normativo da velha retórica greco-latina, que se preocupava em dizer como é que se deve escrever. Essa mesma disciplina (a velha retórica) fornecia lições que auxiliavam também a compreensão do como e mesmo do porquê da literatura. E, sobretudo, descreviam cuidadosamente (e ainda hoje essa descrição é utilizada) as formas estilísticas sobre as quais continuamos a refletir. Trata-se das figuras: metáfora, metonímia, litotes, eufemismo, antítese, repetição e muitas outras. No fundo, a investigação estilística de um texto é tributária dos conhecimentos de retórica. No entanto, a nossa concentração vai recair sobre três grandes correntes (escolas) da estilística do século XX.

1. A estilística da expressão ou descritiva que estuda as relações da expressão com o pensamento. Essa abordagem põe em questão a seguinte pergunta: como é que o escritor escreve? Para os lingüistas modernos, essa pergunta assume um sentido diverso, pois o ponto de partida em que se colocam é o leitor, e não o autor. Essa posição constitui uma revolução que, muitas vezes, passa despercebida no âmbito dos estudiosos. Tradicionalmente, considerava-se a obra de arte, seja ela romance, poema, peça de teatro, e tomava-se essa obra, uma vez acabada, como ponto de partida. Hoje, não se procura mais o porquê é que o escritor a escreveu e nem como ela a escreveu, isto indica uma posição tradicional. Procura-se, isto sim, funcionalmente, como é que ela (a obra de arte) atua, age, sobre o leitor. Essa inversão é a marca da originalidade dessa perspectiva. Pierre Guiraud, denomina esse enfoque estilístico de a Estilística dos Efeitos e se acha dependente dos estudos de semântica

2. A estilística genética ou do indivíduo – as obras literárias podem também examinadas segundo um outro ponto de vista, o ponto de vista genético. É esse ponto de vista que pode responder à pergunta: por que razão escreve o escritor? É o ponto de vista que mais predominou nos dois últimos séculos. Essa pergunta já obteve as mais inusitadas respostas: respostas filosóficas ou metafísicas: o escritor escreve para exprimir o real absoluto; respostas morais, sociológicas, psicológicas: o escritor escreve para ajudar os homens ou os povos, ou para pintar (descrever) o homem; respostas psicanalíticas: o escritor escreve para se libertar dos seus fantasmas pessoais; respostas estéticas: a arte pela arte, isto é, a arte vale por ela mesma. Todas essas respostas são ainda hoje muito consideradas, pois são necessárias a quem queira refletir sobre os porquês da obra de arte.

Contudo, a abordagem estilística de textos não visa a ensinar aos alunos a escrever ou a orientá-los na formação de um estilo. O objetivo mais da disciplina estilística é despertar maior consciência das imensas possibilidades de expressão da nossa língua, da língua portuguesa, como bem frisou

a Professora Nilce Sant'Anna Martins. Assim, o conhecimento da língua do ponto de vista da expressividade constitui o passo inicial para a compreensão e valoração dos textos literários. Reforçando, ainda, a observação da professora citada, é o estudioso francês – Pierre Guiraud – que afirma: “sem ser o objeto nem o fim único da análise estilística, os estudos dos valores expressivos (de uma dada língua) e de seus efeitos (sobre o leitor) é a tarefa maior do estilólogo e o ponto de partida indispensável de toda crítica do estilo”.

É a partir dessas reflexões que surgem verdadeiras “subdisciplinas” de natureza estilística:

a) a Fonoestilística ou a estilística do som ou sonora – já sugerida por Charles Bally, com o nome de Fonética Expressiva, ampliada por Nikolai Troubetzkoi (1890-1938) e depois por Karl Buhler (1879-1963), que descobre, em cada ato de fala, traços que indicam: 1) quem fala; 2) em que tom se fala; 3) o que é o objeto da fala (comunicação). Os traços “a” e “b” seriam o objeto da fonoestilística que se subdividiria em estilística fonética e estilística fonológica.

Sucessores de Charles Bally, como J. Marouzeau, se dedicaram ao estudo da “qualidade e do valor dos sons da linguagem”, independente do sentido das palavras na quais figuram. Este enfoque aborda três aspectos do problema: expressividade, articulação e acentuação. Com isso, foi possível retirar algumas conclusões: a) o papel das entoações; b) o papel dos acentos; c) o papel dos tons e das pausas. Cria-se, então, a Estilística do Supra-segmental.

A fonoestilística integra-se perfeitamente no estudo da função expressiva da língua, nos níveis fonológico, lexical e sintático. Todas as diferenças fonéticas perceptíveis para o ouvido podem transmitir um elemento de informação (um traço de sentido ou de estilo), mesmo as que não são fonologicamente pertinentes. A pronúncia (articulação) de um “r”, em certas regiões do país ou mesmo em certas pessoas pode ser sentida como sinal de uma certa origem geográfica. Outras particularidades da pronúncia podem indicar a classe social, e outras podem revelar propriedades individuais, um estado de saúde ou um hábito pessoal. É estudo destas diferenças fonéticas que Troubetzkoi chama de fonoestilística.

Ao lado da fonoestilística, vários estudiosos falam da estilística sintática que trata das variantes de colocação das palavras na frase suscetíveis de causar, provocar, emoção ou suggestionar o leitor. Vejamos a observação a seguir feita por Joaquim Mattoso Câmara Júnior, referindo ao verso “Bramem leões de fulva juba”, de Raimundo Correia, que, para ele, há: “a) uma expressividade fônica, determinada pelo acúmulo de sons nasais e labiais abafados, que sugerem um ambiente soturno e ameaçador; b) uma expressividade semântica, decorrente da escolha de palavras, na base de sua conotação, em face de sinônimos, como “bramem ... fulva”; c) uma

expressividade sintática, provocada pelo posposição do sujeito ao verbo.

A Estilística literária estuda esses processos na linguagem literária, procurando, pelos recursos estilísticos usados, depreender : a) a linguagem pessoal, ou estilo de um escritor; b) a sua personalidade e a sua maneira de compreender e sentir a vida.

b) A Estilística Comparada – é o resultado do confronto de dois sistemas lingüísticos (ou de vários). Tornou-se conhecida como o “método” de tradutores, pelos contrastes que estabelece, pelos confrontos que realiza no ato da tradução, e na busca de correspondência de expressividade das línguas em jogo;

c) A Estilística Estrutural – é tributária das reflexões neo-humboldtianas (Humboldt, pensador da fase romantismo alemão – defendia a idéia de que cada sistema lingüístico (cada língua) possuía uma visão própria do mundo), com pesquisas sólidas na área da etnolingüística.

O postulado básico dessa Estilística se assenta no seguinte juízo: “subordinado à estrutura de cada língua, o estilo revela as suas ‘virtualidades’, não é uma coisa absoluta, imposta à linguagem conforme modelos gregos ou latinos, mas própria linguagem seguindo as suas vias naturais. Determinadas qualidades de uma dada linguagem assumem o aspecto de defeitos odiosos numa outra língua.

Assim, as tarefas de uma Estilística Estrutural seriam demonstrar que os fatos de estilo provêm diretamente do sistema lingüístico e variam conseqüentemente, de uma língua para outra.

d) a Estilística Diacrônica – tem por objeto examinar as conseqüências implicadas numa língua pela perda de determinados meios de expressividade, como o desaparecimento de palavras com base em onomatopéias, na sequência de mudanças fonéticas, e os valores estilísticos dos elementos de um dado estado de língua, como por exemplo, o português do século XIII ao século XVI, ou de outras épocas.

CONCLUSÃO

Durante a exposição desta aula, vimos que o lingüista Charles Bally ampliou as lições de seu mestre Ferdinand de Saussure para criar uma nova disciplina a Estilística da Língua ou da expressão como também é conhecida. Uma outra perspectiva dos estudos estilísticos se denomina de Estilística Genética ou do indivíduo, mais centrada nos textos literários, sem falar em uma corrente da estilística conhecida como a Estilística Funcional que focaliza certos aspectos da variação lingüística como índice de significação do “status” do emissor. Esses pilares do enfoque estilístico de uma dada língua, em suas abordagens, consideram elementos fonéticos, mórficos, sintáticos e semânticos da língua em estudo como portadores de traços estilísticos que caracterizam a escrita ou mesmo a fala de um determinado escritor. Outros enfoque da Estilística privilegiam elementos estruturais, processos evolutivos ou dados lingüísticos em comparação, como acontecem nos trabalhos de tradução.



RESUMO

Esta aula se centra nas possibilidades de classificação das abordagens estilísticas de uma dada língua. Assim, focalizamos essa disciplina na perspectiva: a) da expressão ou descritiva; b) genética ou individual; c) funcional ou sociolingüística; d) fônica, sintática e semântica. Em todas essas perspectivas, permanece a idéia nuclear do enfoque estilística de uma língua natural como a língua portuguesa que é o estudo do valor afetivo dos fatos expressivos que concorrem para a formação do sistema dos meios de expressão de uma língua. Vimos também que outras diversas concepções de estilística proliferaram ao longo do século XX. Assim, um certo número de disciplinas, mais ou menos aparentadas, surgem e ganham espaço acadêmico. São elas: a fonoestilística, a estilística comparada, a estilística diacrônica.



ATIVIDADES

Leia, atentamente, toda esta aula e procure responder a seguinte questão: Qual o motivo de versos como “E minha alma, salva,/ficará mais alva/do que a estrela d’alva”, de Cassiano Ricardo? Pesquise quem foi Cassiano Ricardo e sua importância para a literatura brasileira. Encontre outros exemplos semelhantes ao apresentado aqui, com o meu efeito estilístico, de Cassiano Ricardo ou de outro poeta.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Não esqueça de consultar a bibliografia apontada para esta aula. Só o texto da aula não fornece as condições para compreender a estilística em sua amplitude.

PRÓXIMA AULA

A língua literária: campo de estudo da Estilística



AUTO-AVALIAÇÃO

Para mim, como aluno, esta aula foi esclarecedora de aspectos lingüístico-estilístico da língua portuguesa, tanto que tenho condições de formular três questões básicas sobre o assunto e fornecer-lhes as respostas correspondentes. Mãos ao trabalho e mostre ao seu tutor.



REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA. Victor Manuel de. A Estilística, in: **Teoria da Literatura**. Coimbra: Almedina. 1969.
- D'ONOFRIO. Salvatore. **Teoria do texto: teoria da lírica e do drama** – vol.2. São Paulo: Ed. Ática. 2001.
- GUIRAUD. Pierre. **A Estilística**. São Paulo: Ed. Mestre Jou. 1970.
- JAKOBSON. Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo. Ed. Cultrix. 1970.
- LAPA. M. Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. Lisboa: Ed. Seara Nova. s/d.
- LEVIN. Samuel. **Estruturas lingüísticas da poesia**. São Paulo: Cultrix. 1975.
- MARTINS. Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística**. São Paulo: Edusp. 1989.
- MATTOSO CÂMARA Jr. Joaquim. **Contribuição à Estilística portuguesa**. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1977.
- MONTEIRO. José Lemos. **A estilística**. São Paulo: Ed. Ática. 1991.
- MOUNIN. Georges. **Introdução à Lingüística**. Lisboa: Iniciativas Editoriais. 1970.